



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)



Vol. 16, número 2, jul-dez, 2023, pág. 738-769

Diálogos fenomenológicos e transversais sobre o Autismo no contemporâneo

Phenomenological and transversal dialogues about Autism in the contemporary

Rodolfo Moura Pereira

Crisóstomo Lima do Nascimento

Resumo

Este ensaio tem como proposta uma discussão com viés fenomenológico que perpassa por algumas ideias de seus autores mais tradicionais (Heidegger, 2021; Husserl, 2020) chegando até autores contemporâneos como Byung-Chul Han e Slavoj Žižek que, a despeito de não se proclamarem pensadores da fenomenologia, têm uma densa base fenomenológica em seus pensamentos, sobretudo alinhados ao pensamento de Heidegger. No primeiro momento, nosso percurso metodológico apresenta a classificação nosológica atual a fim de situar o autismo enquanto um transtorno. No segundo momento tratamos de expor ideias da fenomenologia clássica com Husserl e Heidegger a fim de se aproximar de uma concepção existencial do autismo, tendo em vista a observação da forma como o *dasein* com autismo se orienta pela sua semântica cotidiana. Por fim, contextualizamos o autismo no pensamento contemporâneo dos autores Slavoj Žižek e Byung Chul, que nos oportunizam moldura ideal para situar o autismo em uma realidade de expulsão do outro, modelada pela violência objetiva. Concluímos que muito ainda precisa ser feito no sentido de investigar o autismo com metodologias alternativas à sua compreensão usual na semântica positivista.

Palavras-chave: Autismo. Fenomenologia Hermenêutica. Expulsão do outro. Violência.

Abstract

This essay proposes a discussion with a phenomenological bias that permeates some ideas of its more traditional authors (Heidegger, 2021; Husserl, 2020) reaching contemporary authors such as Byung-Chul Han and Slavoj Žižek who, despite not proclaiming themselves to be thinkers of phenomenology, have a dense phenomenological base in their thoughts, especially in line with Heidegger's thinking. At first, our methodological course presents the current nosological classification in order to situate autism as a



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

disorder. In the second moment, we try to expose ideas of classical phenomenology with Husserl and Heidegger in order to approach an existential conception of autism, in view of the observation of how dasein with autism is guided by its everyday semantics. Finally, we contextualize autism in the contemporary thinking of authors Slavoj Žižek and Byung Chul, who provide us with an ideal framework to situate autism in a reality of expulsion of the other, shaped by objective violence. We conclude that much still needs to be done in order to investigate autism with alternative methodologies to its usual understanding in positivist semantics.

Keywords: Autism. Hermeneutic Phenomenology. Expulsion of the other. Violence.

Desde 1943, quando o médico/pesquisador Leo Kanner reconheceu o autismo como um transtorno que deveria ser abordado de forma independente de outros diagnósticos como a esquizofrenia, diversos foram os campos de estudo se ocuparam sobre o tema. Dentre a diversidade de abordagens, a Análise Comportamental Aplicada figura como aquela que mais produz pesquisas, mesmo quando comparada a áreas de grande visibilidade como a psicanálise. A partir de uma breve pesquisa bibliométrica pode se constatar que ainda são escassos os estudos que procuram lançar luz à compreensão do autismo a partir de abordagens fenomenológicas.

Historicamente, podemos observar que a ciência moderna, forjada sobretudo pelos movimentos racionalistas-empíricos, tornou-se uma forma de conhecimento tão soberana que comprometeu significativamente os espaços das demais ciências que se orientam por bases epistemológicas outras. É verdade que durante dois séculos essa forma de conhecimento teve enorme contribuição, notadamente para os campos das ciências naturais. Muitos foram os avanços que saltam aos olhos da sociedade que se habituou ao deslumbramento com uma forma de conhecimento que torna previsíveis os fenômenos de natureza material. A correspondência entre causa e consequência envolve as ciências naturais com uma casca cuja fragilidade somente pode ser percebida por um exame profundo,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

comprometido com compreender as bases epistemológicas que sustentam essas ciências.

Essa fragilidade passou a ser destacada principalmente em decorrência das tentativas de se explicar os fenômenos da natureza humana. Foi Wilhelm Dilthey (1833-1911) quem chamou a atenção para que os acontecimentos próprios à natureza humana fossem analisados sob a luz das ciências do espírito, argumentando que essa ciência visa à compreensão da dimensão humana e requer um método próprio de investigação, considerando o método explicativo das ciências naturais insuficiente para dar conta da complexidade do ser humano.

Diante dessas considerações, urge a necessidade de ampliar os debates acerca de áreas outras que investiguem o autismo sob o olhar compreensivo das ciências humanas. Tal movimento é necessário e encontra sua fundamentação na relevância científica que se configura atualmente na busca por uma compreensão que leve em consideração a totalidade e complexidade da produção de nosso conhecimento. Nesse sentido, a fenomenologia desponta como um campo apropriado capaz de promover a integração entre as demais ciências e, ao mesmo tempo, proporcionar uma visão particular que parte do fenômeno, tal qual ele se mostra. Logo, este ensaio tem como proposta uma discussão com viés fenomenológico que perpassa por algumas ideias de seus autores mais tradicionais (Heidegger, 2021; Husserl, 2020) chegando até autores contemporâneos como os filósofos sul coreano Byung-Chul Han e esloveno Slavoj Žižek que, a despeito de não se proclamarem pensadores da fenomenologia, têm uma densa base fenomenológica em seus pensamentos, sobretudo alinhados ao pensamento de Martin Heidegger.

UM PRELÚDIO NECESSÁRIO PARA INCURSÕES RUMO AO AUTISMO

Antes de partirmos para o propósito fundamental deste estudo, entende-se necessário uma passagem em brevidade por entre os campos



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

do conhecimento acerca do Transtorno do Espectro Autista - TEA mais realçados nos últimos anos. Logo, este breve percurso, que se caracteriza mormente por um ensaio, não tem a pretensão de descortinar camadas mais profundas desse conhecimento, mas se ocupa de tangenciar reflexões nodais no campo do autismo.

A princípio, vamos apresentar a classificação nosológica atual a fim de situar o autismo enquanto um transtorno. Não são de grande consenso acadêmico as formas de classificação que até o momento pleitearam o agrupamento de condições que se coadunam em níveis diversos de autismo. Nos últimos anos essa condição passou a ser tratada como um espectro, desvencilhando sua identificação como uma doença, com vistas a ampliar as possibilidades de intervenções junto ao público autista. Não faz muito tempo, em 2013, a *American Psychological Association* (APA) revisou o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* atualizando-o para DSM-5. Nessa atualização a Associação Americana de Psicologia incluiu em uma única categoria o reconhecimento do caráter longitudinal do transtorno do espectro do autismo, nomeando-a como “Transtornos do Neurodesenvolvimento” o que ora era nomeado como “Transtorno Global do Desenvolvimento”. Assim,

[...] os Transtornos Globais do Desenvolvimento, que incluíam o Autismo, Transtorno Desintegrativo da Infância e as Síndromes de Asperger e Rett foram absorvidos por um único diagnóstico, Transtornos do Espectro Autista. A mudança refletiu a visão científica de que aqueles transtornos são na verdade uma mesma condição com gradações em dois grupos de sintomas: Déficit na comunicação e interação social; Padrão de comportamentos, interesses e atividades restritos e repetitivos. Apesar da crítica de alguns clínicos que argumentam que existem diferenças significativas entre os transtornos, a APA entendeu que não há vantagens diagnósticas ou terapêuticas na divisão e observa que a dificuldade em subclassificar o transtorno poderia confundir o



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

clínico dificultando um diagnóstico apropriado (Araújo; Neto, 2014, p. 71-72).

De forma alinhada às decisões da APA sobre a classificação nosológica que inclui o autismo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2022, publicou a sua última versão do Código Internacional de Doenças em sua décima primeira versão – o CID-11. Nas tabelas 1 e 2 a seguir, que respectivamente emolduram a classificação do autismo no CID-10 e CID-11, é possível realizar a comparação entre as classificações para o autismo, observando nas diferenças uma nova forma de compreensão mais abrangente acerca autismo, que passa a ser denominado como TEA.

Tabela 1 – CID-10 (Transtornos Globais do Desenvolvimento)

	CID-10
Grupo	F84 - Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD)
Subgrupos	F84.0 – Autismo infantil
	F84.1 – Autismo atípico
	F84.2 – Síndrome de Rett
	F84.3 – Outro transtorno desintegrativo da infância
	F84.4 - Transtorno com hipercinesia associada a retardo mental e a movimentos estereotipados
	F85.5 – Síndrome de Asperger
	F85.8 – Outros transtornos globais do desenvolvimento
	F85.9 – Transtornos globais não especificados do desenvolvimento

Fonte: Autores

Tabela 2 – CID-11 (Transtorno do Espectro do Autismo)

	CID-11
Grupo	6A02 - Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)
Subgrupos	6A02.0 – TEA sem DI e com comprometimento leve ou ausente de LF
	6A02.1 – TEA com DI e com comprometimento leve ou ausente de LF



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

	6A02.2 – TEA sem DI e com LF prejudicada
	6A02.3 – TEA com DI e com LF prejudicada
	6A02.4 – TEA sem DI e com ausência de LF
	6A02.5 – TEA com DI e com ausência de LF
	6A02.Y – Outro TEA especificado
	6A02 – TEA não especificado
	TEA – Transtorno do espectro do autismo
	DI – Deficiência intelectual
	LF – Linguagem funcional

Fonte: Autores

Recentemente, em março de 2023, pesquisadores da faculdade de medicina Weill Cornell Medical, nos EUA, publicaram seus achados em uma renomada revista científica, demonstrando como conduziram um estudo de imagem e análise gênica, investigando as características fenotípicas do autismo, correlacionando-as a grupos específicos. Esses pesquisadores concluíram que existem 4 subgrupos de manifestação do autismo (Buch et al., 2023). Considerando que as revisões do DSM e do CID são bem recentes, tal estudo corrobora com a ideia de que muito ainda há de ser compreendido no universo do autismo, a começar pela sua classificação nosológica.

Historicamente, o termo autismo esteve associado ao diagnóstico de “idiotia” na psiquiatria, diagnóstico esse que envolvia todo o campo de desordens psicopatológicas de crianças e adolescentes do século XIX. Neste período, para a psiquiatria, autismo, esquizofrenia e psicose associavam-se pelo tronco comum da idiotia (Bercherie, 2001). À vista disso, as circunstâncias tornaram a palavra idiotia associada a ideia de debilidade mental, cada vez mais utilizada de forma pejorativa. Como consequência,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

temos uma afetação com perdas emocionais de familiares, amigos e do próprio indivíduo na condição do transtorno do espectro autista.

Até chegarmos na configuração de categorias que tentam dar conta de todo o espectro do autismo, muitas foram as mudanças de concepções ao longo dos anos. Na verdade, a primeira vez a que a palavra autismo foi mencionada no campo acadêmico, Eugen Bleuer, psiquiatra suíço, em 1911, usou o termo para nomear os casos de crianças que tinham problemas de integração social e com o ambiente. Pouco tempo depois, seu colega Howard Potter, propôs integrar esses casos ao diagnóstico de esquizofrenia, tratando o autismo infantil como uma manifestação possível da esquizofrenia (Stelzer, 2010).

Anos mais tarde, o médico pesquisador Leo Kanner publicou em 1943 um estudo com grande valor para a história da nosologia do autismo. No estudo intitulado “*Autistic Disturbances of Affective Contact* (1943), o médico se voltou para a observação de 11 crianças, enfatizando a particularidade de um distúrbio que comprometia as relações com outros seres humanos e demonstravam uma afetação bem peculiar para situações específicas (Kanner, 1943). Pela primeira vez, o autismo foi investigado em profundidade.

Outras observações de Kanner (1943) compreendiam como sintoma de segunda ordem a dificuldade com a fala. Descreveu aquilo que chamou de “grande capacidade de memorização” como função precípua da linguagem, e não para comunicação ou uso semântico com ocorre com indivíduos neurotípicos. Kanner também observou uma relação particular entre as crianças de seu estudo e o som, notadamente, casos de irritação na presença de alguns sons específicos, sendo que alguns casos também demonstraram também grande angústia. Curiosamente, os sons produzidos pela própria criança, mesmo que em intensidade elevada não a incomodava, sobretudo na presença da ecolalia - a repetição excessiva de sons ou palavras, outro sintoma observado pelo médico pesquisador.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Descobertas adicionais também revelaram uma linha tênue entre a harmonia e perturbação dos modos de ser dessas crianças. Estes estados variavam com um padrão diretamente influenciado pela manutenção ou não de rotinas, seja pela mudança de local dos objetos favoritos ou mudanças de ambiente, o que desencadeava reações rebeldes. Quanto às interações uma dupla observação chamou a atenção de Kanner: se por um lado havia uma ausência quase completa de interações com animais, por outro lado uma das crianças demonstrava grande interesse pela fotografia desses animais. Algo parecido acontecia com as fotos de pessoas, quando outra criança parecia não discernir entre a fotografia e uma pessoa real. Finalmente, chamou a atenção do pesquisador a forma inusitada como algumas crianças tratavam como objetos manipuláveis as partes de corpos de outras pessoas (Kanner, 1943). Todas essas observações eram situadas no fato de que as crianças participantes do estudo apresentavam um isolamento profundo, algo que Leo Kanner usou para fundamentar a sua posição de desvincular o autismo da esquizofrenia infantil; nessa direção o autor afirma que

[...] a combinação de autismo extremo, obsessão, estereotipia e ecolalia trazem o quadro total em relação a alguns dos fenômenos esquizofrênicos básicos. Algumas das crianças realmente foram diagnosticadas como sendo desse tipo em um momento ou outro. Mas, apesar das semelhanças notáveis, difere em muitos aspectos de todos os outros exemplos conhecidos de esquizofrenia infantil (Kanner, 1943, p. 248, tradução nossa).

Em um período temporal bem próximo, mas em continente europeu, outro pesquisador significativo para as pesquisas com autismo desenvolvia seus estudos com um grupo de crianças com um grupo de sintomas mais amenos, porém, em algum grau, parecidos com as crianças de Kanner. No entanto, essas crianças tinham poucos problemas na comunicação verbal, sendo o distúrbio observado, até as últimas revisões das classificações nosológicas,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

nomeado pelo pesquisador austríaco que se dedicou a esses estudos. Chamava-se, portanto, síndrome de Asperger, o distúrbio investigado pelo médico Hans Asperger. As crianças investigadas pelo médico austríaco possuíam um desenvolvimento normal da linguagem e uma variação considerável de inteligência (Asperger, 1991).

Antes da revisão do DSM-IV para o DSM-5, a síndrome de Rett era considerada uma variação de autismo, com a nova revisão, mesmo com uma notável dissidência consensual entre seus membros, a Associação Americana de Psicologia, não inclui a síndrome no grupo de distúrbios que compõem o transtorno do espectro do autismo. Alguns pesquisadores argumentam que a síndrome de Rett pode ser mais bem tratada se desvincilhada do diagnóstico de autismo, por outro lado, também argumenta-se retirar esse grupo do espectro obscurece a síndrome no cenário acadêmico, gerando menos pesquisa. Dentre as características (sintomas) presentes nessa síndrome destaca-se a presença exclusiva em meninas, movimentos estereotipados das mãos que evoluem para movimentos involuntários, progressivo comprometimento motor até os membros inferiores, o que compromete a locomoção. Normalmente, essas pessoas vivem até a terceira década de vida (Cardoso, 2013).

Quanto às tentativas de compreensão da origem do autismo, apesar de grandes contribuições para a compreensão do transtorno, o médico Leo Kanner também foi o responsável por um movimento de culpabilização dos familiares, sobretudo da mãe, no desenvolvimento do quadro de autismo nas crianças. Felizmente, o próprio Kanner abandonou essa postura pouco tempo depois. Hodiernamente, sabe-se que o autismo possui um componente genético significativo, sendo afetado em menor escala por componentes ambientais (Volkmar & Wiesner, 2019).

O diagnóstico do autismo requer o envolvimento de uma equipe multidisciplinar, contando, inclusive com a participação dos pais. Nos últimos anos cresceram os diagnósticos de autismo, em grande parte pelo maior



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

conhecimento dos pais em identificar alguns sintomas. Um estudo realizado com 153 crianças e pais demonstrou que os primeiros sinais de autismo podem ser percebidos nos dois primeiros anos de vida (Young et al., 2003). No estágio de conhecimento que alcançamos hoje sobre o autismo, segundo a APA, o diagnóstico do TEA considera as variações na gradação da capacidade comunicativa e interação social, bem como a restrição ou repetição de comportamentos, interesses e atividades (Araújo & Neto, 2014).

Como vimos anteriormente, as primeiras intervenções profissionais para os casos de autismo o tratavam sob o viés de esquizofrenia infantil. Não é preciso dizer com ênfase que o equívoco em questão atrasava ou mesmo não alcançava resultados satisfatórios, chegando mesmo a piorar o quadro de alguns casos (Stelzer, 2010). As tentativas seguintes de tratamento embasavam-se na ideia de Kanner de culpabilização das mães. Seguindo esta linha de raciocínio, o florescente campo da psicanálise que já se encontrava em evidência no cenário acadêmico, começa a abordar o autismo a partir do pressuposto da relação casuística estabelecida entre mães e filhos autistas. Nesse contexto, a influência de um renomado psicanalista austríaco chamado Bruno Bettelheim, liderou um movimento de resistência para manter essa abordagem equivocada, já que Bruno usava de seu prestígio para continuar influenciando demais profissionais a manterem essa linha de abordagem (Stelzer, 2010).

Finalmente, com a superação da abordagem culpabilizadora, a psicanálise remodelou suas abordagens, tornando-se ao lado da psiquiatria um campo de conhecimento com enorme importância para a compreensão acadêmica do autismo. No Brasil, destacam-se os trabalhos da professora Maria Cristina Machado Kupfer, da Universidade de São Paulo. Sob o olhar da professora Kupfer é possível determinar o estado atual das abordagens psicanalíticas sobre o autismo. Segundo a pesquisadora, no Brasil, 19 em cada 20 crianças são atendidas nas instituições de ensino a partir de abordagens vinculadas à linha comportamental conhecida como *Applied*



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Behavior Analysis (ABA) (Kupfer, 2019), ou, em português, Análise Comportamental Aplicada, um método com base completamente construída nos pressupostos behavioristas de J.F. Skinner. A principal crítica da pesquisadora ao método behaviorista traz à vista a desconsideração à subjetividade da criança nas intervenções, de forma que, para a criança autista, os prejuízos comprometem a “chance de viver na escola a verdade de sua experiência, uma experiência peculiar e única. Perdem a chance de aprender a *se dizer* (p. 389, grifo da autora)”.

É importante compreender com um pouco mais de profundidade as intervenções baseadas na ABA, a fim de deixar em evidência seu contraste com propostas que levam em consideração a subjetividade da criança, tal qual acontece atualmente com a psicanálise e em abordagens fundeadas na fenomenologia como, por exemplo, a *daseinsanalyse*. Compreende-se o conceito de ABA como “uma abordagem científica na qual procedimentos baseados nos princípios do comportamento são aplicados sistematicamente para identificar variáveis ambientais que influenciam o comportamento socialmente significativo e são utilizados para desenvolver intervenções individualizadas e práticas” (Yu et al., 2020), um conceito que, inequivocamente, marca a intensidade da fase experimental da psicologia, ocorrida com vistas a adequar a psicologia ao movimento positivista que promovia as ciências naturais como as ciências magnas. Esses autores colocam que, nos anos que se seguiram, muitas foram as pesquisas que exploraram a ABA para abordagens com o público autista, superando significativamente os demais campos de pesquisa que abordavam o autismo.

Ao propor a sua abordagem comportamentalista, a preocupação fundamental de Burrhus Frederic Skinner era o alinhamento de sua psicologia à recente teoria da evolução de Darwin, argumentando que, o mecanismo de seleção natural, propalado como o responsável pela sobrevivência dos seres mais fortes, também influenciava o comportamento



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

humano. Neste caso, esta influência era verificada nos conceitos de reforço positivo e reforço negativo, onde os comportamentos ditos positivos tendiam a permanecer, enquanto os comportamentos negativos (atingidos pelo reforço negativo que aparece nas punições diversas) tendiam a diminuir ou serem extintos (Roane et al., 2016).

Em países como Estados Unidos, essa abordagem alcançou tamanha projeção nas ciências da saúde que o país já investe na formação dos chamados “analistas do comportamento”, que são profissionais com formação superior em áreas diversas que recebem um treinamento específico certificado pelo Conselho de Certificação de Analistas de Comportamento (BACB) (Roane et al., 2016). Além de ser usada nas abordagens para casos de autismo, a ABA possui um eixo central de intervenção que também é usado em abordagens de casos de medo e fobias, comportamento organizacional, adestramento de animais, etc.

Diante dessas considerações, situaremos, enfim, a fenomenologia como uma abordagem pertencente ao grupo de intervenções que põe em claro a subjetividade do sujeito, sendo a única que parte suas investigações do mundo da vida do indivíduo com autismo. Em outras palavras, uma intervenção para pessoas com autismo fundada na fenomenologia posiciona-se diametralmente oposta às intervenções com bojo behaviorista. Salienta-se que não é pretensão deste estudo tecer críticas ao método ABA, mas sim, a partir de suas estruturas fundamentais naturalísticas, compreender de partida aquilo que a fenomenologia não é. Tal posição alinha-se, inclusive, às pretensões de Edmund Husserl quando inaugurou a fenomenologia contrapondo-a a pretensa hegemonia pleiteada pela psicologia experimental. Na seção a seguir, tratemos de nos ocupar de identificar alguns elementos do pensamento fenomenológico clássico, compreendido nas obras de Husserl (2020) e Heidegger (2021), que acreditamos que podem contribuir com a familiarização de um olhar fenomenológico sobre o tema. Em seguida, buscaremos contextualizar o



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

autismo nos desdobramentos fenomenológicos de pensadores contemporâneos como Zizek e Chul Han.

O AUTISMO SOB AS LENTES DA FENOMENOLOGIA

Destarte, nosso movimento deve ser compreendido como uma tentativa de apontar caminhos possíveis para a compreensão do autismo segundo os pressupostos fenomenológicos. Logo, não é pretensão aqui apresentar soluções finais para as problemáticas inerentes ao TEA, mas sim trazer à vista um campo de possibilidades de atuação que, nutrido pela fenomenologia, coloca o autismo sob uma perspectiva mais inclusiva.

Nosso próximo movimento se dá em direção aos elementos precursores do pensamento que possibilitou o devir fenomenologia existencialista, remetendo nossas primeiras observações ao nascente método de pesquisa proposto por Edmund Husserl. Conforme superficialmente mencionado na seção anterior, Husserl direcionou críticas de peso a uma psicologia que estava buscando seu esteio nas ciências naturais (Cerbone, 2019). É preciso compreender que tal posicionamento não se ocupa de negar o conhecimento produzido pelas ciências naturais, sobretudo no campo da psicologia, mas aponta as fragilidades do eixo epistemológico que sustenta o conhecimento experimental, qual seja, o positivismo. Portanto, mais uma vez, ressaltamos a posição da fenomenologia como uma alternativa que coloca em primeiro lugar o mundo da vida do autista, no lugar de abordagens comportamentalistas que homogeneízam e reduzem o mundo a um campo de estímulos sensoriais a serem identificados e manipulados.

Essa nova filosofia, que Husserl (2020) nomeou como fenomenologia, não se tratava de um sistema filosófico nem de outra coisa senão um método de pesquisa que orientava-se pelo retorno “às coisas mesmas”. Isso quer dizer que a fenomenologia investiga o fenômeno em sua forma mais pura (tal como aparece), acautelando-se quanto a contaminações teóricas pré-



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

existentes, especialmente das ciências naturais. Segundo Bello (2006), a recém-chegada metodologia fenomenológica proposta por Husserl norteava-se por três questões fundamentais, quais sejam: a compreensão daquilo que faz o homem buscar sentido, a compreensão desse homem que busca sentido e, por fim, a compreensão de como é feito esse homem que busca sentido. A fim de responder a essas questões, Husserl (2020) apresenta um método constituído em duas etapas. Na primeira ocorre o que ele aponta como “redução eidética”. Trata-se da suspensão consciente dos juízos prévios que o investigador traz acerca do fenômeno que investiga. Isso implica considerar o fenômeno em sua forma primordial, tal qual ele se mostra. Na segunda etapa, que Husserl nomeia como “redução transcendental”, o pesquisador precisa alcançar um segundo nível de abstenção de juízos, onde “põe em parêntesis” inclusive a si mesmo.

De posse dessas questões, em um movimento de transposição, podemos recolocá-las, desta vez, direcionando seu alvo para o sujeito autista. Dito desta forma, teríamos então os seguintes questionamentos: 1 – Quem é esse indivíduo autista que busca sentido?; 2 – O que faz o indivíduo autista buscar sentido?; 3 – Como é feito esse ser autista que busca sentido?

A esta altura, nossas elucubrações já permitem o despontar de um primeiro papel fundamental que a fenomenologia pode assumir diante da compreensão de pessoas com autismo: a análise do mundo da vida do autista. Em outras palavras, a fenomenologia pode ser não só uma via que possibilita uma compreensão alternativa acerca do autismo, mas também, uma via de intervenção capaz de compreender em particular o universo de cada autista. Desde o nascimento da fenomenologia, tal qual Husserl a modelou, muitos foram os métodos de investigação que derivaram do método husserliano. Adicionalmente, os pensamentos de Heidegger (2021), Merleau-Ponty (1999) e Sartre (2015) alimentaram mais dezenas de variantes. Obviamente, o investigador está bem amparado diante de qualquer escolha que faça em relação a métodos que buscam validação



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

nesses pensadores, mas gostaríamos de destacar aqui um em particular, sobretudo porque esse finca suas estruturas no tronco comum erigido pelo pensamento desse quatro grandes pensadores da fenomenologia, a saber, o método da “Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI)” (Smith et al., 2009). Outro ponto de relevância nesse método é o grande peso do pensamento de Martin Heidegger, uma vez que além da fenomenologia, o método da AFI também possui uma sólida base hermenêutica. Afinal, neste estudo, voltar-se para este método significa o colocar sob estreito alinhamento com as considerações fenomenológicas tecidas aqui.

O segundo pensador que abordaremos aqui seria a grande aposta de Husserl para sua linha sucessória. Martin Heidegger era considerado seu aprendiz mais talentoso e aquele a quem Husserl confiava a continuação de seu legado, prosseguindo com seus estudos sobre a fenomenologia transcendental. Todavia, para o desapontamento de Husserl, Heidegger tinha outros planos para o desdobramento do pensamento fenomenológico. Sua obra magna **Ser e Tempo** conduziu a fenomenologia a um exame mais direcionado sobre a questão do ser, partindo sua investigação da existência humana, abrindo caminho para o que ficou conhecido mais tarde como o existencialismo ateu. Assim, de forma a não deixar dúvidas sobre a sua postura de “filósofo serista”, Heidegger abre sua obra mais conhecida:

A questão referida não é, na verdade, uma questão qualquer. Foi ela que deu fôlego às pesquisas de Platão e Aristóteles para depois emudecer como uma questão temática de uma real investigação. O que ambos conquistaram manteve-se, em muitas distorções e “recauchutagens”, até a lógica de Hegel. E o que outrora, num supremo esforço de pensamento, se arrancou aos fenômenos, encontra-se, de há muito, trivializado (Heidegger, 2021, p. 27).

Para Heidegger, seu mestre abriu com a fenomenologia a oportunidade de acessar o ser, no entanto, Husserl não se ocupou dessa questão. A esta altura, o olhar heideggeriano já vislumbrava uma



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

investigação minuciosa do ser por meio do único ente capaz de lançar a pergunta pelo sentido do ser, ou seja, esse ente que nós mesmos somos, que Heidegger denominou de *Dasein* (Heidegger, 2020), ou ainda, como presença, segundo as primeiras traduções de sua obra para o português (Heidegger, 2021).

Segundo Heidegger (2020) a abordagem do sentido do ser somente seria possível via uma nova proposta de ontologia, que ele nomeou como “ontologia fundamental”. Essa proposta não trata de outra coisa senão de uma delimitação clara entre as dimensões ônticas e ontológicas do ser. No grupo da dimensão ontológica, Heidegger alojou os conceitos metafísicos tradicionais, que se orientava por uma visão positiva do mundo (desconsiderando completamente o não ser). Com essa delimitação Heidegger poderia então dedicar à ontologia fundamental, que considerava a investigação das condições pré-ontológicas do ser (Cerbone, 2019). Daqui em diante a fenomenologia não mais se ocuparia da investigação das estruturas da consciência, conforme regia a cartilha husserliana, mas ocupava-se de tratar a própria existência do *dasein* como objeto de investigação.

Quando pensamos nas investigações fenomenológicas do autismo, em relação à fenomenologia husserliana, essa guinada proposta por Heidegger (2020) percorre outros caminhos que contornam algumas dificuldades próprias ao autismo, sobretudo a dificuldade de uma investigação das estruturas internas da consciência do indivíduo autista, que requer acesso a uma condição humana que tem como característica mais evidente a ausência de interações sociais e, portanto, sendo objeto de grande dificuldade para qualquer investigação que procure penetrar nas estruturas da consciência humana. Por outro lado, um método que pode orientar sua investigação pelos modos como o ser autista se relaciona com o mundo pode contornar tais dificuldades e fornecer um extrato fenomenológico mais consistente.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

A investigação do ser sob as lentes da fenomenologia de Heidegger (2021) não visa unicamente a compreensão do pensamento; ocupa-se, particularmente, da forma como o *Dasein* lida com os entes no cotidiano (Cerbone, 2019). Isso quer dizer que podemos aprender sobre nosso modo de ser observando como damos sentido ao ente à medida que nos relacionamos com eles na cotidianidade.

Nas investigações com autistas, observando as suas atividades diárias como um pesquisador participante, podemos nos aproximar do autista como o *Dasein* que é para que encontremos a sua experiência pré-ontológica do ser. A postura de um pesquisador participante deve ser assumida tendo em vista tratar-se de uma posição hermenêutica privilegiada a fim de interpretar os modos de ser no cotidiano de *Daseins* que, em muitos casos, não se comunicam verbalmente. Estar imerso em seu cotidiano é estar imerso em mundo de sentido que se mostra e, portanto, pode ser interpretado.

Temos à vista mais um contraste marcante entre as concepções husserliana e heideggeriana que precisa ser acentuado quando consideramos a pesquisa com autistas. Enquanto a investigação que tem como meta a iluminação da experiência consciente fica limitada diante de casos com baixa ou nenhuma comunicação verbal, a investigação heideggeriana, que busca o sentido do ser a partir de uma postura hermenêutica, pode encontrar um terreno fértil na experiência cotidiana. Dessa forma, sua ontologia fundamental procura afasta-se de qualquer olhar investigativo que tenha o mínimo de alinhamento com qualquer ontologia historicamente dada. Dito nas palavras do próprio Heidegger:

[...] Aprender o ser dos entes e explicar o próprio ser é tarefa da ontologia. O método fenomenológico, no entanto, permanecerá altamente questionável caso se queira recorrer às ontologias historicamente dadas ou a tentativas congêneres. Tendo em vista que, nessa investigação, o termo ontologia é usado em sentido formalmente



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

amplo, não se pode seguir o caminho da história das ontologias para se esclarecer o método (Heidegger, 2021, p. 56).

A fim de melhor ilustrar como o olhar da “fenomenologia da cotidianidade” pode nos conduzir à compreensão dos modos como o *Dasein* se realiza no mundo de sentido consideremos, hipoteticamente, a relação de um estudante com a cozinha de sua casa, situando-o no contexto de um espaço que vivencia cotidianamente como um local de alimentação. Sua orientação nesse espaço segue um padrão ritualístico que opera num plano pré-reflexivo e compreende o papel de cada ente que o cerca. A utilidade de cada ente da cozinha coaduna-se num todo que se apresenta a este estudante como um conjunto de utensílios à sua disposição para o auxiliar em sua alimentação. Com frequência, ao término de suas aulas, ia para casa e sentava-se à mesa. Pegava a faca e passava manteiga no pão que saia quentinho da sanduicheira que ficava ao seu lado no armário da cozinha. Pegava a jarra de suco dirigindo-a até o copo, pois sempre gostava de beber algo enquanto se alimentava.

Agora, consideremos as mudanças no cotidiano de todo o mundo durante o período de reclusão que foi necessário como medida necessária conter o avanço da pandemia de covid-19 em 2020. Para o cotidiano dos estudantes as mudanças foram enormes. Em pouco tempo tiveram que adaptar-se às novas tecnologias de informação e comunicação e realizar todo processo educativo em casa. Para o estudante hipotético que aqui tratamos, agora a cozinha se lhe apresenta como outro espaço. A mesa de jantar tornou-se uma escrivaninha espaçosa; a caneca havia virado um porta-canetas; o armário da cozinha agora era tratado como uma estante de livros. Para esse estudante, não só a utilidade dos objetos, como outros apareceram por substituição ou necessidade como, por exemplo, a jarra de suco que cedeu seu espaço para a garrafa de café.

Temos assim um vislumbre de como as relações do *dasein* se constituem em suas atividades diárias e, sobretudo, como ele se orienta por



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

uma semântica cotidiana que estabelece com os entes que vem ao seu encontro. Para Casanova (2019) o *Dasein* “só se determina efetivamente como o ente que é a partir de uma inter-relação incessante com o seu mundo. Jogado em um determinado mundo fático, ele assume comportamentos a partir de orientações que recebe do mundo circundante” (p.19). Nesse mundo circundante, um utensílio é sempre um “algo para” que está contido em um conjunto de referências que Heidegger nomeou de “totalidade utensiliar”. Dessa forma, “sempre pertence a cada vez ao ser do utensílio uma totalidade utensiliar na qual ele pode ser esse utensílio que ele é” (p.94).

Sempre que um utensílio atravessa nosso campo de visão ele nos abre um grupo de outros utensílios que pertencem ao mesmo campo de uso. Assim, quando olho a garrafa de café no mesmo instante o copo se abre como possibilidade de uso. Tais relações entre os entes utensílios amoldam-se numa teia referencial de modo que cada utensílio ocupa uma posição única, onde se mostra justamente por mostrar-se a partir do lugar que lhe pertence nessa rede (Casanova, 2019). Equivocadamente poder-se-ia pensar que essas posições utensiliares são sempre fixas: pelo contrário, essas posições são sempre influenciadas pelo espaço/tempo que ocupam no cotidiano do *dasein*. Não um espaço qualquer, mas aquele espaço a que Heidegger (2001) se referia em nos seus seminários 2 e 3 em Zollikon; não um tempo comum, mas um tempo compreendido como temporalidade (Heidegger, 2003), nesse caso, sobretudo, na temporalidade presente na própria facticidade do mundo.

Tudo isso determina mudanças puramente circunstanciais na configuração dos utensílios. No caso do estudante que passa a se relaciona nesse ambiente, em um determinado tempo, com utensílios que ocupavam uma espacialidade circunscrita em um ambiente de alimentação, em um tempo específico, vivenciar um período de reclusão provocou um rearranjo da vida, notadamente, no ambiente doméstico. Esse rearranjo é o próprio do



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

espaço como espaço de estudos, influenciando todo um modo de ser do *Dasein* que ocupa (vivencia) aquele espaço. O mesmo pode ser dito sobre o caráter circunstancial a que é condicionada toda a existência do *Dasein* (Heidegger, 2001). Isso abre como possibilidade a compreensão dos modos de ser dos *daseins* com autismo a partir da observação participante do seu cotidiano e da forma como se relaciona com os entes que vem ao seu encontro.

Sobre a fenomenologia hermenêutica de Heidegger como horizonte de compreensão do autismo, não podemos deixar de tratar também de sua ideia de facticidade, afinal parte daí o início do projeto de uma ontologia fundamental. Tal empreendimento só foi possível por conta da aproximação de Heidegger com o pensamento do Wilhem Dilthey, oportunidade em que teve contato com o conceito de vivência. Esse era um conceito fundamental para o projeto de Heidegger pois proporcionava uma possibilidade de solução para a dicotomia entre particular e universal. A vivência é capaz de apontar o lugar do singular no campo da objetividade, lugar esse que é sempre moldado pela historicidade (Casanova, 2019).

Ao pensar sobre historicidade Heidegger observa que até então a lógica era destituída de sua historicidade, ou seja, a lógica nunca foi tratada como um algo dotado de uma história. Assim, reconhecendo a presença de uma lógica modelada historicamente, Heidegger repensa o conceito de vivência de Dilthey, onde, a partir daí, começa a se delinear a sua “hermenêutica fenomenológica” (Casanova, 2019). A noção de facticidade nos leva a concluir que para investigações sobre o *dasein* com autismo requerem uma investigação prévia dos constituintes de seu mundo vivido, quais sejam: seu universo social (família, amigos, colegas, relacionamentos) e cotidiano e, para os casos de estudantes, o universo escolar.

No campo educacional, Nascimento(2019), destacando a unidade existencial do *Dasein* como cuidado, conduziu sua pesquisa a partir da consideração da “provável infactibilidade de desconexão entre esta unidade



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ontológica estrutural do *Dasein* e a práxis educacional hegemonicamente vigente” (p.55). Trata-se de reconhecer que o modo de ser do *Dasein* (cuidado) de forma alguma se desconecta do campo de sentidos inerente ao espaço da educação.

Lamentavelmente, tanto no ambiente da educação formal quanto da educação informal, precipita-se uma negligência pré-reflexiva que proporciona uma visão dicotômica entre sujeito e objeto, indo no sentido inverso da consideração do *dasein* enquanto cuidado. Esse quadro traz prejuízos para todos os estudantes, sobretudo para os estudantes especiais como os autistas, cuja forma de abordagem mais popular, a ABA, está diametralmente distante da visão de cuidado proposta por Nascimento (2019).

Disso, depreende o questionamento de como poderíamos aproveitar melhor a escola enquanto espaço privilegiado para acesso ao *Dasein* com autismo, haja vista este espaço estar sedimentado em práticas pedagógicas que acabam por subsumir o estudante autista, que desaparece diante da pretensa magnificência do método de abordagem, quase sempre sustentado por edificações positivistas. Também Nascimento (2019) se manifesta nessa direção ao afirmar que

tendemos a caminhar em direção a um horizonte que dimensiona o nosso fazer de forma superficial. Isso porque esse horizonte abre um discurso que previamente já nos lança em uma compreensão sempre mediana acerca do mundo, na qual nos leva a ter a pretensão de que tudo já foi compreendido (p. 58).

Mais relevante se torna essa questão quando colocada diante do universo dos autistas. No meio escolar, no mais das vezes o estudante autista se encontra sob a tutela de pessoas responsáveis pelos seus cuidados. Apesar de ser uma prática necessária e amparada por lei, inevitavelmente estabelece-se entre cuidador/autista uma relação de determinação onde o cuidador quase sempre zela pelas decisões do



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

estudante nessas condições. Como resultado temos a influência significativa da inautenticidade no mundo do autista, haja vista que sua rotina é determinada por terceiros.

A situação fica ainda mais grave se consideramos a influência histórica das pedagogias jesuíticas na educação brasileira, que pouco levam em consideração a subjetividade dos discentes. No entanto, mesmo quando recorremos às pedagogias ditas progressistas, “a educação pouco se altera em seus elementos estruturantes”(Nascimento, 2019a, p. 63). Para o público autista ainda existem métodos próprios de atendimento que se coadunam em uma área de atendimento conhecida como “educação especial”. Ainda assim, esse campo de conhecimento orienta-se por metodologias que nada mais fazem senão considerar o estudante autista como como um sujeito a ser moldado para o mundo das pessoas neurotípicas, considerando-os como seres a-históricos e destituídos de vivências.

Concluimos, portanto, essa seção, conscientes de que uma abordagem fenomenológico-hermenêutica do autismo requer a adequação do ambiente escolar notadamente nutrido por concepções estigmatizantes do ser. Assim, reconhece-se a necessidade de uma mudança estrutural que abra espaço para abordagens diversas que considerem o mundo vivido do estudante autista. Uma alternativa para a realização desse trabalho poderia ser a estruturação de microambientes que levem em consideração as turmas a que pertencem o estudante autista, com a finalidade de envolver os colegas num projeto abrangente de atendimento ao autista, que também considere a presença de todos os profissionais que atravessam o universo desse estudante.

UMA VISÃO CONTEMPORÂNEA DO AUTISMO SEGUNDO O PENSAMENTO DE CHUL HAN DE ZIZEK

Nesta seção trataremos de lançar um olhar fenomenológico sobre o autismo a partir de desdobramentos contemporâneos da filosofia de



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Heidegger, notadamente nos pensamentos de dois filósofos com grande influência nos dias atuais: Byung Chul Han e Slavoj Žižek.

Iniciando nossas considerações sob as ideias do filósofo sul coreano, tratemos de abordar a visão equivocada do autismo como enfermidade. Conforme mencionamos em momentos pretéritos neste texto, a compreensão do autismo passa por um percurso histórico que, por vezes, já considerou esse transtorno como uma doença. Atualmente, contra toda expectativa de avanço na compreensão do mundo dos autistas, a ideia que liga o autismo à condição de doença ainda persiste naquelas pessoas que se precipitam em apontar conclusões para fenômenos que não compreendem. Tal contexto pode ser analisado levando-se em conta que vivemos em tempos em que a busca pela perfeição estética, alinhada ao conceito de um corpo perfeito, se sobressai com intensidade no cotidiano da sociedade contemporânea. Para Han (2017) o que acontece é uma sobrevalorização do corpo e da saúde como uma forma de escapar a presença da morte. Tal sobrevalorização passa pela transformação do corpo em algo consumível, onde toda sua negatividade se esvai e cede lugar a positividade de um corpo que não proporcione decepções. É difícil para o *dasein* com autismo encontrar espaço nesse mundo de perfeição, que impõe uma padronização estética e, por conseguinte, de saúde inviolável; algo pretensamente inalcançável, inclusive, para *dasein* sem autismo. Como resultado, temos pessoas capazes de se submeterem a quaisquer consequências, mesmo colocando sua integridade corporal em risco, a fim de alcançarem padrões estéticos inatingíveis quando pensados nas limitações inerentes ao próprio ser humano. Neste cenário, a presença de elementos de negatividade como o autismo é rechaçada diante da padronização excessiva que tende a confinar a existência em moldes pré-estabelecidos.

O culto excessivo da saúde nada mais é do que uma forma de se manter alheio a nossa possibilidade mais concreta de ser, qual seja, a morte



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

(Han, 2017). Em um mundo onde a pura acumulação de capital é sempre a finalidade última, a morte aparece como possibilidade de perda absoluta. Um dos efeitos colaterais para os autistas acontece na absolutização de ações médicas que medicalizam uma condição que deveria ser tomada a partir de abordagens que considerem o autismo como um transtorno espectral. Disso temos uma absolutização do mero viver, donde o diferente (negativo) como o autista não encontra seu espaço. O equívoco desta posição se deve ao fato que

“Vida do espírito não é o mero viver, que recalitra diante da morte e se proteja imune frente à devastação”; é, antes, a vida “que o sustenta e se mantém nele”. O espírito deve sua vivacidade precisamente à capacidade de morrer. O absoluto não é o “positivo, que se afasta do negativo”. Ao contrário, o espírito “olha o negativo diretamente nos olhos” e “permanece” junto dele (Han, 2017, p. 22).

À saúde fica terminantemente proibida qualquer forma de negatividade, entre elas o autismo. Aqui se faz presente a necessidade de resgate do eros (HAN, 2017) como o único elemento que, como excesso de transgressão, nega o mundo como inexorável e desmedido acúmulo de capital, bem como nega a ideia de mero viver para repelir a morte. Na verdade, tudo isto se coaduna com a ideia de que o outro está desaparecendo; em tom apocalíptico anuncia Han:

O tempo no qual havia o *outro* passou. Desaparece o outro como mistério, o outro como sedução, o outro como Eros, o outro como desejo, o outro como inferno, o outro como dor. A negatividade do outro dá lugar, hoje, à positividade do igual. A proliferação do igual constitui as transformações patológicas que afligem o corpo social (Han, 2022, p. 7).

Disso é preciso conclamar um tipo de pensamento que tenha acesso ao outro. Não um pensamento que calcula, pois este faz apenas uma repetição do igual, mas sim um pensamento reflexivo que de conta de captar o outro como acontecimento. O pensamento que calcula nada é capaz de



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

produzir de novo, ele não é capaz de enxergar o acontecimento, tal qual é percebido pelo pensamento reflexivo.

Nesse sentido, Chul Han recorre a Heidegger ao afirmar que

O “esquecimento do ser” de Heidegger não significa nada senão essa *cegueira para o acontecimento*. Heidegger diria que, hoje, o barulho da comunicação, o *rebuliço digital* de dados e informações nos torna surdos à silenciosa vibração da verdade, à sua *força [Gewalt]* silenciosa: “Uma vibração: é a verdade / ela mesma emergida entre os homens, / em meio ao rebuliço de metáforas” (Han, 2022, p. 11).

De certo, esse acontecimento como revelação de verdade, a que Han (2022) contrapõe com a presença das redes sociais, torna-se cada vez mais inautêntico e isento de negatividade, haja vista que essas redes nada mais fazem senão tornar mais distantes as relações entre as pessoas. Todo esse cenário reverbera na condição existencial do *dasein* com autismo, condenando-o cada vez mais no inferno do igual onde não encontra espaço.

Viver em uma sociedade a que tudo procura moldar segundo a repulsa absoluta à diferença pode ser extremamente desafiador para pessoas fora dos padrões estabelecidos, tais como as autistas, sobretudo por conta de uma conformação voltada ao desempenho que a sociedade atual assume (Han, 2015). Isso porque, em uma sociedade do desempenho forjada sob o molde da produção e consumo excessivos, não há espaço para um público que não consegue se adequar ao ritmo frenético de autocobrança e produção sobrehumana. Disso resulta ao *Dasein* com autismo uma condição que o coloca em permanente lugar de não acolhimento. Não é preciso esclarecer que essa condição cumpre por colaborar com a perversidade de uma sociedade que não reconhece a negatividade como uma condição originária do *Dasein*.

Nessa realidade excludente, que expulsa o outro pela recusa de sua negatividade, entra em questão o tipo de violência a que se submete o indivíduo autista, pois quase sempre essa violência está travestida de



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

maneira a ocultar sua verdadeira forma. Compreender a violência que está oculta requer um olhar para o contexto histórico das relações sociais que criaram as condições para a exclusão. Neste sentido, o pensamento de Slavoj Žižek pode nos favorecer a elucidação dessa realidade excludente como violência.

Destarte, é preciso delimitar conceitualmente o tipo de violência a que nos referimos aqui, de forma a evitar o risco de cair no engodo de manter a discussão no plano da violência visível e facilmente identificável. Tal movimento se faz necessário, já que um exame mais profundo da situação permite a identificação da violência real que subjaz inclusive os esforço para combater a violência visível (Žižek, 2015).

Para Žižek (2015) a violência pode ser compreendida sob o ponto de vista de sua objetividade e subjetividade. A violência subjetiva é aquela que salta aos olhos, como a violência física, onde com facilidade é possível identificar o agente agressor. A violência objetiva é aquela que se manifesta na ordem de nosso sistema simbólico e econômico, i.e, sua identificação requer um olhar reflexivo e minucioso. Nas palavras de Žižek (2015)

a violência subjetiva é somente a parte mais visível de um triunvirato que inclui também dois tipos objetivos de violência. Em primeiro lugar, há uma violência “simbólica” encarnada na linguagem e em suas formas, naquilo que Heidegger chamaria a “nossa casa do ser”. Como veremos adiante, essa violência não está em ação apenas nos casos evidentes – e largamente estudados – de provocação e de relações de dominação social que nossas formas de discurso habituais reproduzem: há uma forma ainda mais fundamental de violência que pertence à linguagem enquanto tal, à imposição de um certo universo de sentido. Em segundo lugar, há aquilo a que eu chamo violência “sistêmica”, que consiste nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econômico e político (p.17).



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Reconhecendo a presença desses três tipos de violência no cotidiano de muitos autistas, a violência objetiva nos interessa aqui de maneira especial, pois, requer um tratamento reflexivo que pode ser orientado pela fenomenologia. Assim como em Han (2015) a temática de um modo de vida ligado influenciado pelo modo de produção econômico perpassa direta ou indiretamente por toda sua argumentação, em Žižek (2015) também encontramos o tema como fio condutor de suas teorizações, em especial, quando o assunto é abordado diretamente com o conceito de violência objetiva com viés econômico (sistêmica).

Essa violência sistêmica a que se refere Žižek (2015) também precisa ser percebida em sua dimensão política. O processo excludente evidenciado pela incapacidade de o sistema econômico vigente subsidiar as condições básicas de seus cidadãos não pode ser compreendido como um fenômeno à margem das decisões políticas. Consequentemente, não é sem tempo questionar em que medida a violência sistêmica afeta as políticas públicas que tratam das pessoas com necessidades especiais como os autistas.

Nos últimos anos muitas foram as conquistas no campo legislativo que materializaram em políticas públicas os direitos desse público. No entanto, esse cenário ainda é perpassado por significativa incompreensão, notadamente nas camadas mais conservadoras da sociedade, resistentes às políticas de ações afirmativas. A violência sistêmica, valendo-se de sua invisibilidade, se faz presente na manutenção de falácias como a meritocracia que, num movimento de esterilização das diferenças, visa à positivação de todos os indivíduos de forma a moldá-los segundo as condições da sociedade do desempenho. Lamentavelmente, o cenário oposto e igualmente perverso também pode ocorrer; na hipótese da impossibilidade de homogeneização das pessoas, a solução passa pela exclusão. A evidência desse cenário pode ser facilmente percebida no Brasil, onde, dentre numerosos exemplos, relembramos que durante a vigência do mandato presidencial conservador acontecido entre 2018-2022, estivemos à



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

beira do retrocesso de segregar os estudantes com necessidades especiais, criando escolas que os separavam das demais crianças. Felizmente, em 2023, o decreto que abria caminho para essa segregação foi revogado ¹.

Depreendemos assim que todas as três formas de violência estruturam-se por uma relação circular onde a sua dissociação somente é possível no plano da abstração. Sobre a violência sistêmica, opera e é operada a violência simbólica que ocorre por meio da linguagem e pela imposição de um universo de sentidos (Žižek, 2015). Como visto, essa concepção se apoia em pressupostos Heideggerianos que nos permitem identificar as consequências perversas das tentativas fracassadas de determinação do ser pelo *dasein*. Assim, em uma ditadura da linguagem, sobredeterminam-se os sentidos alimentados pela malha da inautenticidade, que nada mais fazem senão contribuir para a manutenção de discursos dominantes que não levam em consideração a diversidade dos modos de ser do *Dasein*.

O conceito de violência simbólica também pode ser estendido para a compreensão de outra ideia fundamental do pensamento de Žižek, onde ele problematiza a ideologia. Para ele a ideologia é entendida como uma “consciência ingênua” ocupada por uma falsa ideia de realidade social distorcida em sua representação. Para superação dessa consciência Žižek (1999) sugere a elevação desta consciência a um estado em que ela possa reconhecer suas próprias condições e, assim, dissolver-se. Não é preciso muito esforço para perceber que a “consciência ingênua” é uma das formas de materialização da violência simbólica.

O público autista frequentemente tolhido de sua capacidade de decisão, tem sua autenticidade corroída pelos “excessos do cuidar” de seus tutores, que, obviamente, creem ser esta a forma mais adequada de agir. Aqui, a ideologia inerente a um estado objetivo de violência, acaba por

¹ <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/01/02/suspensao-pelo-stf-decreto-de-bolsonaro-que-instituiu-politica-de-educacao-especial-e-revogado-por-lula.ghtml>. Acesso em 10/06/2023.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

reforçar formas de tratamento que alcançam sua falsa legitimidade como imposição de um universo de sentidos. Disso, conclui-se que o alcance de uma ideologia atravessa inequivocamente a todas as dimensões da existência humana, nesse caso, em especial, do público com TEA.

CONCLUSÃO

Muitas são as pesquisas que nos últimos anos se debruçam em ampliar nossa compreensão acerca do TEA. A maioria delas se ocupa em fornecer informações derivadas de concepções naturalísticas de conhecimento. Compreendendo a importância do progresso desse conhecimento para alcançar uma maior qualidade de vida para os autistas, nosso foco situou-se em destacar que também é preciso ampliar o horizonte desse conhecimento, buscando vias de acesso que não sejam unicamente derivadas de concepções positivistas. Para isso, sugerimos que a fenomenologia, tomada em seus pressupostos fundantes e a partir de releituras contemporâneas, pode cumprir com a tarefa de propor olhares sobre o autismo que proporcionem um “retorno às coisas mesmas”. Esse retorno passa pela recolocação das questões fundamentais que mobilizaram os esforços husserlianos a desenvolver sua teoria fenomenológica.

Da fenomenologia heideggeriana considerou-se a possibilidade de uma investigação que se aproxime mais da realidade cotidiana do *Dasein* com autismo. A semântica cotidiana observada na forma como o autista se relaciona com os entes que vêm ao seu encontro por proporcionar uma via de investigação ideal para os casos de TEA com grande comprometimento da fala. Contemporaneamente, por meio do pensamento de filósofos com grande habilidade de articular correntes teóricas diversas a problemas atuais, encontramos em Chul Han e Žižek a possibilidade de contextualização fenomenológica da compreensão do autismo.

Este ensaio revelou que, quando o objeto de investigação se trata do transtorno do espectro do autismo, não se pode prescindir de fomentar discussões que alcancem enredos que vão além do conhecimento



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

sistematizado de forma positiva. Afinal, quando lidamos com seres humanos (*Daseins*), a ciência que calcula não é capaz de captar a essência da existência, que não pode ser descrita em números.

Referências

- Araújo, Á. C., & Neto, F. L. (2014). A Nova Classificação Americana Para os Transtornos Mentais-o DSM-5 The new north american classification of Mental Disorders-DSM-5. *Rev. Bras. de Ter. Comp. Cogn*, XVI(1), 67–82.
- Asperger, H. (1991). 'Autistic psychopathy' in childhood. Em *Autism and Asperger Syndrome* (p. 37–92). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511526770.002>
- Bello, A. A. (2006). *Introdução à Fenomenologia*. Edusc.
- Bercherie, P. (2001). A clínica psiquiátrica da criança: Estudo histórico. Em O. Cirino (Org.), *Psicanálise e Psiquiatria com crianças: Desenvolvimento ou estrutura* (p. 129–144). Autêntica.
- Buch, A. M., Vértes, P. E., Seidlitz, J., Kim, S. H., Grosenick, L., & Liston, C. (2023). Molecular and network-level mechanisms explaining individual differences in autism spectrum disorder. *Nature Neuroscience*, 26(4), 650–663. <https://doi.org/10.1038/s41593-023-01259-x>
- Cardoso, S. F. L. de B. (2013). *Redefinition of the phenotypes of Rett and "Rett-like" syndromes*. Universidade do Porto.
- Casanova, M. A. (2019). *Compreender Heidegger*. Editora Vozes.
- Cerbone, D. R. (2019). *Fenomenologia* (C. Souza, Trad.). Editora Vozes.
- Han, B.-C. (2015). *Sociedade do cansaço* (É. P. Giachini, Trad.). Vozes.
- Han, B.-C. (2017). *Agonia do eros*. Vozes.
- Han, B.-C. (2022). *A expulsão do outro: Sociedade, percepção e comunicação hoje* (L. Machado, Trad.). Vozes.
- Heidegger, M. (2001). *Seminários de Zollikon* (G. Arnhold & M. de F. de A. Prado, Trads.). Vozes.
- Heidegger, M. (2003). *O conceito de tempo* (I. Borges-Duarte, Trad.). Fim de século.
- Heidegger, M. (2020). *Ser e Tempo* (F. Castilho, Trad.). Unicamp; Vozes.
- Heidegger, M. (2021). *Ser e tempo* (M. S. Cavalcante, Trad.). Vozes.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Husserl, E. (2020). *A ideia da fenomenologia: Cinco lições* (M. L. Miranda, Trad.). Editora Vozes.
- Kanner, L. (1943). Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child*, 2, 217–250.
- Kupfer, M. C. M. (2019). Quem serão os autistas de amanhã? *Estilos da Clínica*, 24(3), 384–392. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i3p384-392>
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção* (C. A. R. de Moura, Trad.). Martins Fontes.
- Nascimento, C. L. (2019a). *Cuidado e educação: Uma abordagem fenomenológico-hermenêutica*. Via Verita.
- Nascimento, C. L. (2019b). Fenomenologia e Educação: Reflexões hermenêuticas sobre o cuidado nas práticas educacionais. *Revista de Psicologia*, 10(1), 54–65.
- Roane, H. S., Fisher, W. W., & Carr, J. E. (2016). Applied Behavior Analysis as Treatment for Autism Spectrum Disorder. *Journal of Pediatrics*, 175, 27–32. <https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2016.04.023>
- Sartre, J.-P. (2015). *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica* (P. Perdigão, Trad.). Editora Vozes.
- Smith, Jhonatan, Flowers, P., & Larkin, Mi. (2009). *Interpretative Phenomenological Analysis: Theory, Method and Research*. Sage.
- Stelzer, F. G. (2010). *Uma pequena história do autismo*. Associação Pandorga.
- Volkmar, F. R., & Wiesner, L. A. (2019). *Autismo* (S. M. M. da Rosa, Trad.). Artmed.
- Young, R. L., Brewer, N., & Pattison, C. (2003). Parental identification of early behavioural abnormalities in children with autistic disorder. *Autism*, 7(2), 125–143. <https://doi.org/10.1177/1362361303007002002>
- Yu, Q., Li, E., Li, L., & Liang, W. (2020). Efficacy of interventions based on applied behavior analysis for autism spectrum disorder: A meta-analysis. *Psychiatry Investigation*, 17(5), 432–443. <https://doi.org/10.30773/pi.2019.0229>
- Žižek, S. (1999). O espectro da ideologia. In: *O mapa da ideologia*. Contraponto.
- Žižek, S. (2015). *Violência: Seis reflexões laterais* (M. S. Pereira, Trad.). Boitempo.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Recebido: 05/2023

Aceito: 15/06/2023

Publicado: 01-07-

2023

Autores

Crisóstomo Lima do Nascimento - Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense, vinculado ao Departamento de Psicologia do Polo Universitário de Campos dos Goytacazes; Professor do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF. Psicólogo Clínico, Pós-Doutor em Ciências da Religião pela PUC-Campinas, Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense; Mestre em Estudos da Subjetividade com ênfase em Fenomenologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, com Graduação, Bacharelado e Licenciatura em Psicologia pela mesma instituição e Pós-Graduação em Filosofia. Coordenador do Grupo de Trabalho “Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos” da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da existência (GEPPFFE) e tem experiência nas áreas de Psicologia Clínica, Fenomenologia, Existencialismo, Hermenêutica e Educação. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8764-5220>

Rodolfo Moura Pereira - Bacharel e Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, com Especialização Lato Sensu em Psicopedagogia pela Universidade Castelo Branco. Mestre em Educação em Ciências e Matemática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, IFES, e Doutorando em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, UENF, Rio de Janeiro. Academicamente, se dedica ao estudo da Fenomenologia, Educação, Educação Física e Autismo. Membro pesquisador do grupo de pesquisa NEPPFFE – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Fenomenologia e Filosofias da Existência. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9696-6608>